


A AUTOMEDICAÇÃO DE SEMAGLUTIDA PARA A PERDA DE PESO NO BRASIL

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.044-007>

Fernando Ramos Martins Pombeiro
Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF

Andrea Gonçalves de Almeida
Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF

Larissa dos Reis Oliveira
Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF

Daniela Viana Maciel
Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF

Bianca Correia dos Santos
Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF

Larissa de Souza Araújo
Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF

Matheus Sales Damásio de França
Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF

Eduardo Caldas Ribeiro
Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF

Thaís Maria dos Santos
Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF

Gregório Otto Bento de Oliveira
Faculdade Anhanguera de Brasília – FAB. DF

RESUMO

A automedicação tem se configurado como um problema de saúde pública no Brasil, sobretudo diante do aumento do uso da semaglutida para fins estéticos e de emagrecimento rápido. Originalmente indicada para o tratamento do diabetes tipo 2 e da obesidade clínica, a substância passou a ser consumida de forma indiscriminada, influenciada por fatores como pressão estética e disseminação de informações nas redes sociais. Esse cenário gerou preocupação quanto aos riscos decorrentes da prática, que incluem desde efeitos gastrointestinais até complicações graves, como retinopatia e risco de neoplasias. O presente estudo teve como objetivo analisar os riscos da automedicação de semaglutida, destacando seus impactos clínicos, sociais e éticos. Trata-se de uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo e descritivo, realizada a partir

da análise de publicações científicas entre 2018 e 2025, selecionadas em bases de dados nacionais e internacionais. Os resultados demonstraram que a automedicação ampliou os riscos de efeitos adversos, reduziu a valorização da atuação profissional e fortaleceu práticas inseguras de consumo. Além disso, observou-se que a ampla divulgação midiática contribuiu para a banalização do medicamento e para o aumento de seu uso *off-label*. Conclui-se que a automedicação de semaglutida exige maior atenção regulatória, bem como estratégias de conscientização da população e valorização da orientação profissional, de modo a promover o uso racional de medicamentos e prevenir agravos à saúde coletiva.

Palavras-chave: Automedicação; Redes sociais; Saúde pública; Farmacoterapia; Segurança do paciente.

1 INTRODUÇÃO

A obesidade consolidou-se como um dos principais desafios de saúde pública no Brasil e no mundo, sendo responsável por impactos significativos na qualidade de vida e no aumento da incidência de doenças crônicas. Essa condição, caracterizada pelo acúmulo excessivo de gordura corporal, envolve fatores biológicos, genéticos, psicológicos e sociais, ultrapassando a simples relação entre ingestão calórica e gasto energético (Lima; Rinald; Andrade, 2024). Nesse contexto, a busca por soluções rápidas para a perda de peso intensificou-se, levando ao consumo crescente de medicamentos com potenciais efeitos emagrecedores. Entre eles, a semaglutida destacou-se, inicialmente desenvolvida para o tratamento do diabetes tipo 2, mas utilizada de forma indiscriminada para fins estéticos devido ao seu efeito comprovado na redução do peso corporal (Trabulsi et al., 2023).

A ampla disseminação de informações por meio das redes sociais contribuiu para popularizar o uso da semaglutida, favorecendo a automedicação. Estudos demonstraram que a exposição midiática, aliada à valorização de padrões estéticos, impulsionou o aumento da procura por medicamentos emagrecedores sem a devida orientação profissional (Freitas; Baiense; Andrade, 2024). Esse fenômeno tornou-se ainda mais preocupante diante da pressão social pela valorização de um corpo ideal, que historicamente já levou ao uso de práticas prejudiciais para emagrecimento, e que, na contemporaneidade, encontrou na semaglutida uma alternativa aparentemente eficaz, mas cercada de riscos (Santos; Deuner, 2024).

A prática da automedicação com semaglutida gerou questionamentos acerca de suas implicações clínicas, sociais e éticas. O uso fora das indicações aprovadas (*off-label*) trouxe à tona preocupações sobre os limites da autonomia do paciente, a desvalorização dos profissionais de saúde e os possíveis agravos relacionados ao consumo sem prescrição. Evidências apontaram que esse comportamento pode provocar desde reações gastrointestinais até complicações mais graves, como retinopatia e risco de câncer de tireoide, quando utilizada de forma prolongada (Dias *et al.*, 2023). Assim, emergiu a necessidade de

investigar de forma aprofundada os riscos associados ao uso inadequado da substância, especialmente em indivíduos sem diagnóstico clínico de obesidade ou diabetes.

Esse problema de pesquisa levou à formulação da seguinte questão norteadora: quais são os principais riscos da automedicação de semaglutida para a saúde da população brasileira? Tal indagação se mostrou relevante diante do aumento significativo do consumo desse fármaco e das evidências de que seu uso em indivíduos fora do público-alvo pode intensificar os efeitos adversos, comprometendo a segurança do paciente (Andrade *et al.*, 2023). A resposta a esse questionamento tornou-se essencial não apenas para o campo acadêmico, mas também para a prática em saúde, uma vez que possibilitou ampliar a discussão sobre o consumo consciente de medicamentos e a necessidade de acompanhamento profissional.

Dessa maneira, o objetivo geral desta pesquisa consistiu em expor os riscos da automedicação de semaglutida no Brasil. Como objetivos específicos, buscou-se destacar os principais agravos à saúde do indivíduo decorrentes do uso inadequado e identificar os agentes disseminadores responsáveis pela amplificação do consumo indevido. A relevância do estudo justificou-se pelo crescimento da prática de automedicação com esse fármaco, pelo impacto social e sanitário de seus efeitos adversos e pela necessidade de conscientização da população quanto ao uso racional de medicamentos (Campos *et al.*, 2024).

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracterizou-se como uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa e descritiva, elaborada a partir da análise de publicações científicas que abordaram o uso da semaglutida, seus efeitos relacionados ao emagrecimento e os riscos da automedicação. O recorte temporal considerado abrangeu o período entre 2018 e 2025, de forma a contemplar produções recentes que refletissem o avanço das discussões sobre o tema.

Os critérios de inclusão adotados foram artigos científicos, dissertações, teses, manuais técnicos e documentos institucionais disponíveis em português e inglês, que tratassem diretamente da semaglutida, da obesidade, do emagrecimento, do uso *off-label* e de possíveis efeitos adversos do fármaco. Foram excluídos materiais que consistissem apenas em resumos, primeiras impressões ou textos opinativos sem embasamento científico.

A coleta de dados foi realizada em bases científicas reconhecidas, como Google Acadêmico, PubMed, SciELO, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Portal de Periódicos da CAPES, além de documentos oficiais disponibilizados por órgãos regulatórios, como a Agência Nacional de Vigilância

Sanitária (Anvisa) e a Organização Mundial da Saúde (OMS). Essas fontes foram selecionadas por sua relevância e credibilidade, possibilitando uma análise fundamentada do objeto de estudo.

Para a busca, foram empregados descritores combinados com operadores booleanos (AND e OR), entre os quais se destacaram: “semaglutida”, “emagrecimento”, “obesidade”, “automedicação”, “efeitos adversos” e “uso off-label”. A seleção final dos trabalhos ocorreu de acordo com a pertinência ao objetivo central desta pesquisa, garantindo consistência e adequação metodológica à investigação.

2.2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A obesidade configurou-se como uma condição complexa e multifatorial, caracterizada pelo acúmulo excessivo de gordura corporal. Os estudos revisados destacaram que essa doença não pôde ser explicada apenas pelo consumo alimentar elevado, mas esteve relacionada a fatores genéticos, biológicos, comportamentais e sociais. Além disso, foi associada ao aumento do risco de diabetes tipo 2, doenças cardiovasculares e dificuldades funcionais, o que reforça sua gravidade como desafio de saúde pública (Lima; Rinald; Andrade, 2024).

Ainda que seja amplamente reconhecida como problema de saúde coletiva, a obesidade muitas vezes foi interpretada como falha individual, associada à falta de disciplina alimentar ou à ausência de atividade física regular. Essa visão reducionista negligenciou fatores determinantes e agravou a estigmatização das pessoas com excesso de peso. Observa-se um reforço a necessidade de revisão desse paradigma, evidenciando que o manejo da obesidade requer políticas públicas e estratégias de cuidado integradas (Martins, 2018).

No contexto atual, a pressão estética tornou-se um fator de grande relevância na adoção de condutas de emagrecimento rápidas e, em muitos casos, inseguras. O padrão social de valorização da magreza fomentou a utilização de alternativas farmacológicas sem acompanhamento profissional, como a semaglutida. Assim, observou-se que a busca pelo corpo ideal extrapolou preocupações genuínas com saúde e bem-estar, favorecendo o crescimento de práticas de automedicação (Santos; Deuner, 2024).

Há o apontamento de que as redes sociais desempenharam papel central na popularização da semaglutida para fins estéticos. A divulgação de experiências pessoais, relatos de perda de peso acelerada e a promoção do medicamento como solução rápida foram fatores que estimularam seu uso sem respaldo médico (Mailhac *et al.*, 2024). Esse processo contribuiu para a disseminação do consumo off-label e para o aumento do acesso indiscriminado à substância, ampliando os riscos associados à automedicação (Freitas; Baiense; Andrade, 2024).

Ainda de acordo com Freitas, Baiense e Andrade (2024), o poder de manipulação da mídia social impulsiona a busca por padrões estéticos e o uso indiscriminado de fármacos emagrecedores. Embora esses medicamentos possam ser efetivos, a automedicação é perigosa devido às reações adversas inerentes.

Portanto, o acompanhamento médico para uma rigorosa avaliação do risco-benefício e a prescrição do tratamento adequado, garantindo a segurança do indivíduo.

O uso *off-label* deste agente farmacológico, exacerbado pela influência midiática e pela demanda estética, impõe um desafio regulatório urgente. Tal cenário eleva o risco de automedicação e omissão de acompanhamento médico, podendo gerar consequências iatrogênicas significativas. É crucial que a administração seja estritamente mediada por uma equipe multidisciplinar, garantindo a supervisão rigorosa do tratamento para otimizar a relação segurança-eficácia em um contexto de indicação terapêutica apropriada e não indiscriminada (Campos *et al.*, 2024).

Do ponto de vista farmacológico, a semaglutida pertence à classe dos análogos do GLP-1, agindo na regulação da glicose, na redução do apetite e no controle da ingestão calórica. Tais mecanismos explicaram sua eficácia na perda de peso e justificaram a procura crescente pelo medicamento. Contudo, os mesmos estudos alertaram que a substância apresentou efeitos adversos relevantes, principalmente quando utilizada sem indicação clínica adequada (Trabulsi *et al.*, 2023).

O fármaco em análise, a semaglutida, demonstra um significativo efeito sacietógeno e anorexígeno, sendo eficaz na redução do apetite e na promoção da saciedade, o que corrobora sua utilização no controle do excesso de peso em associação a um programa de modificação do estilo de vida. Não obstante, a avaliação clínica deve ponderar os custos e a incidência de eventos adversos gastrointestinais transitórios, como náuseas e diarreia (Andrade *et al.*, 2023).

Ainda conforme Andrade *et al.* (2023), adicionalmente, ressalta-se que, apesar de sua eficácia, a avaliação da segurança a longo prazo em indivíduos obesos não diabéticos ainda demanda o aprofundamento de estudos, visto que o composto foi inicialmente homologado para o tratamento de Diabetes *Mellitus* Tipo 2. Dessa forma, sua prescrição exige uma análise rigorosa do perfil risco-benefício individual. Sendo o monitoramento farmacovigilante contínuo é imperativo para otimizar os desfechos clínicos.

O sobrepeso e a obesidade, exacerbados por padrões sociais e midiáticos, motivam a busca por soluções farmacológicas de perda ponderal. Contudo, o emprego indiscriminado do Ozempic, destinado originalmente à Diabetes Tipo 2, pode acarretar sérias complicações, incluindo disfunções gastrointestinais, pancreatite e risco de hipoglicemia e neoplasias (Dias *et al.*, 2023).

Entre os efeitos observados, destacaram-se sintomas gastrointestinais, como náuseas, diarreia e vômitos, além de cefaleias e constipação (Dias *et al.*, 2023). Em casos mais graves, o uso prolongado foi associado ao risco de retinopatia diabética e até de neoplasias, como câncer de tireoide, o que demonstrou o perigo da utilização descontrolada do fármaco (Silva; Simões; Ishiuchi, 2024). Esses achados reforçaram a importância de acompanhamento profissional para minimizar os riscos e monitorar os pacientes.

Outro ponto refere-se ao uso da semaglutida por indivíduos com baixo índice de massa corporal. Pesquisas mostraram que, nessas situações, os riscos de efeitos adversos eram potencialmente mais graves, pois a segurança do medicamento não havia sido estudada de forma robusta nesse público. Essa constatação destacou a inadequação da automedicação e os perigos do consumo motivado apenas pela estética (Andrade et al., 2023).

Além disso, observou-se que o uso indiscriminado da semaglutida poderia mascarar a real necessidade de mudanças no estilo de vida, como adoção de hábitos alimentares equilibrados e prática regular de atividade física. Dessa forma, o medicamento, embora eficaz, não substituiu as estratégias de promoção da saúde de longo prazo, que são fundamentais para o controle de peso e para a melhoria da qualidade de vida (Naressi; Paludo, 2024).

Os aspectos sociais e éticos da automedicação, como a desvalorização da atuação de profissionais de saúde e a ausência de acompanhamento adequado (Linhares *et al.*, 2024). Sem a orientação de médicos e farmacêuticos, os riscos de interações medicamentosas, armazenamento incorreto e uso inadequado das dosagens aumentaram de forma significativa. Nesse cenário, a presença do farmacêutico foi apontada como essencial para a orientação e o uso seguro dos medicamentos (Nascimento, 2021).

A análise dos estudos evidenciou que a automedicação com semaglutida configurou-se como problema de saúde pública em expansão no Brasil. O fenômeno foi impulsionado pela pressão estética, pelo acesso facilitado a informações nas redes sociais e pela banalização dos riscos do fármaco. Assim, a revisão apontou para a necessidade urgente de regulamentação mais rígida, associada a estratégias educativas, de modo a garantir o uso racional e seguro da semaglutida, reduzindo os impactos negativos dessa prática na saúde coletiva (Campos *et al.*, 2024).

3 CONCLUSÃO

A presente pesquisa possibilitou identificar que a automedicação de semaglutida no Brasil configurou-se como um fenômeno crescente e preocupante, impulsionado por fatores sociais, culturais e midiáticos. A busca pelo emagrecimento rápido, aliada à valorização de padrões estéticos, levou ao uso inadequado do medicamento, sem o devido acompanhamento profissional. Esse cenário evidenciou a gravidade da prática e reforçou a necessidade de conscientização da população sobre os riscos envolvidos.

A revisão demonstrou que, embora a semaglutida tenha eficácia comprovada no tratamento do diabetes tipo 2 e da obesidade clínica, seu uso fora dessas indicações resultou em inúmeros problemas de saúde. Os estudos analisados evidenciaram efeitos adversos que variaram desde sintomas gastrointestinais até complicações graves, como retinopatia e risco de câncer, o que reforça a gravidade da automedicação sem respaldo científico ou acompanhamento especializado.

Outro ponto importante revelado pela revisão foi o impacto das redes sociais na disseminação de informações sobre o medicamento. Alguns dos trabalhos consultados destacaram que esse ambiente digital tem promovido uma banalização dos riscos, incentivando condutas inseguras e fortalecendo a ideia de soluções rápidas para perda de peso. Essa constatação trouxe à tona o papel da comunicação em saúde e a necessidade de estratégias que combatam a desinformação.

É importante ressaltar, contudo, que este estudo apresentou limitações inerentes ao método de revisão bibliográfica. A análise restringiu-se a dados secundários, impossibilitando a avaliação clínica direta dos pacientes que utilizaram a semaglutida de forma inadequada. Apesar disso, a literatura revisada mostrou-se suficiente para demonstrar a amplitude do problema e reforçar a relevância do debate sobre a automedicação no cenário nacional.

Recomenda-se que futuras pesquisas avancem no monitoramento do uso da semaglutida em diferentes contextos populacionais, analisando não apenas os efeitos adversos, mas também os impactos sociais, psicológicos e éticos dessa prática. Além disso, sugere-se o desenvolvimento de programas de conscientização que orientem sobre o uso racional de medicamentos e valorizem a atuação dos profissionais de saúde. Dessa forma, será possível minimizar os riscos associados ao consumo indiscriminado e promover maior segurança na utilização de terapias farmacológicas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, B. S. C. DE et al. Vantagens e desvantagens da utilização do semaglutida no tratamento da obesidade: uma revisão da literatura. **Peer Review**, v. 5, n. 23, p. 361–375, 6 nov. 2023. Acesso em: 09 mai. 2025.

CAMPOS, A. B. M.; ARAÚJO, A. B. L.; BOGHI, M. F. L. de C.; SOUZA, R. Implicações do uso de Semaglutida no tratamento da obesidade: uma revisão sistemática. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 7, n. 5, p. e74150, 2024. DOI: 10.34119/bjhrv7n5-592. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/74150>. Acesso em: 11 mai. 2025.

DIAS, A. K. M. N. E et al. O Uso Indiscriminado Do Medicamento OZEMPIC Visando o Emagrecimento. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, v. 5, maio 2023. Disponível em: <https://revista.unipacto.com.br/index.php/multidisciplinar/article/view/1307>. Acesso em: 11 mai. 2025.

FREITAS, Evelyn Ximenes Carvalho de; BAIENSE, Alex Sandro Rodrigues; ANDRADE, Leonardo Guimarães de. A Influência Da Mídia Social Nos Medicamentos Para Emagrecimento. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 10, n. 6, p. 986–1001, 2024. DOI: 10.51891/rease.v10i6.14415. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/14415>. Acesso em: 11 mai. 2025.

LIMA, B. M. C.; RINALD, S.; ANDRADE, L. G. DE. Impact Of Ozempic (Semaglutide)

Therapy On Weight Loss And Metabolic Health: A Detailed Review Of The Effects And Mechanisms Of Action. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 6, p. 856–868, 5 jun. 2024.

LINHARES, F. da S.; OLIVEIRA, M. C. de; PAVÃO, S. D.; LIMA, T. S. S. de; CASTRO, A. L. G. Riscos potenciais relacionados ao uso indiscriminado da semaglutida. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos, Brasil**, São Paulo, v. 7, n. 15, p. e151486, 2024. DOI: 10.55892/jrg.v7i15.1486. Disponível em: <https://www.revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/1486>. Acesso em: 11 mai. 2025.

MAILHAC, A. et al. Semaglutide (Ozempic®) Use in Denmark 2018 Through 2023 – User Trends and off-Label Prescribing for Weight Loss. **Clinical epidemiology**, v. 16, p. 307–318, Acesso em: 25 abr. 2024.

MARTINS, Ana Paula Bortoletto. É preciso tratar a obesidade como um problema de saúde pública. **Revista de Administração de Empresas**, v. 58, n. 3, p. 337-341, 2018. Acesso em: 12 mai. 2025.

MEDEIROS, Cátia da Silva. **Uso de semaglutida como agente emagrecedor: uma revisão de literatura**. Monografia apresentada ao Curso de Biomedicina do Centro Universitário Maria Milza. Ri Unimam 2021. Disponível em: <http://131.0.244.66:8082/jspui/handle/123456789/2415>. Acesso em: 11 mai. 2025.

NARESSI, Andrielly Carolini; PALUDO, Luana C. **Medicamentos Para a Obesidade e Seus Efeitos Colaterais**. Biblioteca Digital de TCC-UniAmérica, 2024. Disponível em: <https://pleiade.uniamerica.br/index.php/bibliotecadigital/article/view/1113>. Acesso em: 11 mai. 2025.

NASCIMENTO, Júlia Carrilho; LIMA, Wilkson Melquiades Glória; TREVISAN, Márcio. A atuação do farmacêutico no uso da semaglutida (Ozempic): uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Desenvolvimento**, v. 7, n. 11, pág. 108982-108996, 2021. Acesso em: 11 mai. 025.

SABBÁ, H. B. O.; VIANA, C. A. S.; SILVA, C. B.; ALVES, D. R.; MIRANDA, J. L. F.; RODRIGUES, M. C.; SANTOS, P. H. F. dos. Ozempic (Semaglutide) for the treatment of obesity: advantages and disadvantages from an integrative analysis. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 11, p. e587111133963, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i11.33963. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/33963>. Acesso em: 11 mai. 2025.

SANTOS, R. F. dos; DEUNER, M. C. Riscos associados ao uso indiscriminado de Semaglutida (Ozempic). **Revista JRG de Estudos Acadêmicos, Brasil**, São Paulo, v. 7, n. 14, p. e141185, 2024. DOI: 10.55892/jrg.v7i14.1185. Disponível em: <https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/1185>. Acesso em: 11 mai. 2025.

SILVA, A. B. da; SIMÕES, D. V. S. de S.; ISHIUCHI, G. G. de C. Impactos gerais e riscos do uso da semaglutida para fins estéticos. **OBSERVATÓRIO DE LA ECONOMÍA LATINOAMERICANA**, [S. l.], v. 22, n. 11, p. e7963, 2024. DOI: 10.55905/oelv22n11-224. Disponível em: <https://ojs.observatoriolatinoamericano.com/ojs/index.php/olel/article/view/7963>. Acesso em: 11 mai. 2025.

TRABULSI, R. K.; OLIVEIRA, A. F. dos S. M.; BEZERRA, C. M. F. M. de C.; LIMA, J. B.; SOUSA, C. E. da S.; PACHECO, I. A.; GUSMAO, E. E. S.; CASTRO, C. de F.; SILVA, V. P.; DE SOUSA, S. M. C.; ÁLVARES, R. F. As consequências clínicas do uso de Ozempic para tratamento da obesidade: uma revisão de literatura. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 6, n. 3, p. 12297–12312, 2023. DOI:

Fernando Ramos Martins Pombeiro | Andrea Gonçalves de Almeida | Larissa dos Reis Oliveira | Daniela Viana Maciel | Bianca Correia dos Santos | Larissa de Souza Araújo | Matheus Sales Damásio de França | Eduardo Caldas Ribeiro | Thaís Maria dos Santos | Gregório Otto Bento de Oliveira

0.34119/bjhrv6n3-305. Disponível em:

<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/60600>. Acesso em: 11 mai 2025.